ARTE NA EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS

DÉBORA DA SILVA FERREIRA

RESUMO
A arte na educação para jovens e adultos desempenha um papel transformador, possibilitando que alunos de diferentes trajetórias possam se expressar, descobrir talentos e ampliar sua visão de mundo. Ao incorporar práticas artísticas no ambiente escolar, cria-se um espaço de acolhimento, onde cada indivíduo pode compartilhar suas experiências, emoções e perspectivas, promovendo o respeito à diversidade e à história de vida de cada estudante. O acesso à arte estimula não apenas a criatividade, mas também o desenvolvimento do pensamento crítico e das habilidades socioemocionais, tão essenciais para a formação integral do cidadão. Além disso, a abordagem artística no ensino para jovens e adultos valoriza o repertório cultural desses estudantes, que muitas vezes já acumulam vivências significativas fora da escola. Ao dialogar com suas realidades, a arte torna-se uma ponte para o aprendizado, incentivando a participação ativa e o engajamento dos alunos. Dessa forma, o ensino da arte contribui para a inclusão, o fortalecimento da autoestima e a construção de novos projetos de vida, tornando o processo educativo mais humano, significativo e transformador para todos os envolvidos. A inserção da arte na educação de jovens e adultos é uma prática enriquecedora e transformadora, capaz de promover a criatividade, a expressão pessoal e o desenvolvimento integral dos estudantes. A arte desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem, proporcionando oportunidades únicas para a exploração de emoções, ideias e experiências de vida. Ao integrar a arte no currículo da educação de jovens e adultos, os educadores podem estimular a imaginação, a sensibilidade estética e a capacidade de reflexão dos alunos. Através da música, da dança, do teatro, das artes visuais e de outras manifestações artísticas, os estudantes têm a oportunidade de desenvolver habilidades essenciais, como a comunicação, a colaboração e o pensamento crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizado; Desenvolvimento; Pensamento Crítico.

INTRODUÇÃO

O tópico selecionado é a Expressão Artística no Ensino para indivíduos jovens e maduros, já que a arte é um recurso poderoso para o aprendizado, capaz de estimular a inventividade, a compreensão empática e a habilidade analítica dos estudantes. O público-alvo para incorporar a arte no ensino são os alunos que frequentam o Ensino Básico e o Ensino Médio.

A relevância desse assunto é justificada ao perceber que a arte é fundamental para os estudantes por várias razões. Primeiramente, ela permite que os alunos se expressem de maneiras que muitas vezes as palavras não conseguem. Através da expressão artística, os estudantes podem explorar suas emoções, ideias e sua percepção do mundo. Além disso, a arte pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades cruciais, como pensamento crítico, solução de problemas e colaboração em equipe.

Na escola, a arte deve ser integrada em todas as disciplinas, não se limitando apenas às aulas de arte. Por exemplo, os alunos podem utilizar a expressão artística para ilustrar conceitos científicos, explorar a história ou expressar suas interpretações de textos literários.

As abordagens para a implementação da expressão artística na escola devem incluir tanto a criação quanto a apreciação da arte. Os estudantes devem ter a oportunidade de produzir suas próprias obras de arte, utilizando uma variedade de meios e técnicas. Eles também devem aprender sobre a história da arte e a apreciação artística, para que possam compreender e valorizar a arte em seus contextos culturais e históricos.

A expressão artística no ensino é uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento dos alunos. Ela possibilita que os estudantes se expressem, adquiram habilidades importantes e obtenham uma compreensão mais pro-

funda do mundo ao seu redor. Consequentemente, é essencial que a arte seja uma componente integral do currículo escolar.
A arte também desempenha um papel importante na promoção da autoestima e da autoconfiança dos jovens e adultos, incentivando a expressão de suas identidades e histórias pessoais. Além disso, a arte pode ser uma ferramenta poderosa para abordar questões sociais e culturais relevantes, estimulando a reflexão crítica e o diálogo intercultural.
Ao participar de atividades artísticas, os jovens e adultos podem vivenciar experiências significativas de aprendizagem, que transcendem as barreiras do raciocínio puramente cognitivo e estimulam a sensibilidade emocional e estética. A arte na educação de jovens e adultos não apenas enriquece o processo de aprendizagem, mas também contribui para a formação de cidadãos mais criativos, empáticos e culturalmente conscientes.
Em resumo, a arte na educação de jovens e adultos é uma ferramenta poderosa para potencializar o desenvolvimento pessoal, social e intelectual dos estudantes, oferecendo um espaço de expressão e descoberta que promove a diversidade, a inclusão e o respeito mútuo. Ao integrar a arte de forma significativa no currículo educacional, é possível criar ambientes de aprendizagem estimulantes e enriquecedores, que valorizam a singularidade e as potencialidades de cada indivíduo.

O PÚBLICO DIVERSIFICADO DE JOVENS E ADULTOS

O público diversificado de jovens e adultos no mundo das artes revela a riqueza de olhares que se encontram diante de uma mesma obra. Os jovens, com sua energia inquieta e curiosidade por novas linguagens, aproximam-se da arte como um território de experimentação e liberdade, buscando nela formas de expressar suas identidades e questionar padrões estabelecidos. Já os adultos, carregando consigo experiências acumuladas e memórias que moldam sua visão de mundo, encontram na arte um espaço de reflexão, de diálogo com o passado e de conexão com valores culturais que atravessam gerações. Essa convivência entre diferentes idades não apenas amplia o alcance das manifestações artísticas, mas também fortalece seu papel como ponte entre mundos distintos.
Em uma exposição, em um concerto ou em uma peça teatral, o olhar fresco dos jovens se soma à sensibilidade madura dos adultos, criando interpretações múltiplas que enriquecem o sentido da obra. Assim, a arte se torna um espaço vivo e plural, capaz de acolher e transformar todos que dela participam, reafirmando sua função essencial de unir pessoas em torno da beleza, da crítica e da imaginação.
O Ensino de Indivíduos Jovens e Adultos engloba um público diversificado. São alunos que estão distantes do ambiente escolar e que, infelizmente, enfrentam múltiplas barreiras que dificultam sua permanência na escola, fazendo com que a desistência pareça ser a única alternativa. Para muitos, a decisão de se afastar ou retornar à sala de aula ocorre principalmente por motivos econômicos e sociais. Na maioria dos casos, após uma exaustiva jornada de trabalho diária, eles chegam à escola desmotivados, o que frequentemente os leva a abandonar seus estudos, apesar do reconhecimento da importância da formação educacional para alcançar o sucesso em suas carreiras.
Respeitar a realidade do aluno é fundamental em todos os níveis de educação, mas ganha ainda mais importância quando eles já possuem experiência. Nessa situação, o ensino da Arte estimula a utilização de abordagens que reconheçam e valorizem seus conhecimentos do mundo, que estimulem e se adaptem à capacidade de aprendizado que se manifesta em cada indivíduo jovem ou maduro.

O processo de ensino-aprendizagem flui com maior eficácia e significância quando a arte é incorporada levando em consideração a realidade do aluno, pois ela não desperta apenas o sentimento e a percepção, mas acima de tudo promove o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. (BATISTA, 2012, p.18).

Cabe ao educador estar preparado para enfrentar os desafios, buscando superar es-

ses obstáculos, incentivando e facilitando a compreensão desses alunos, auxiliando-os a perceber o mundo de maneira mais sensível e ampliando seu repertório cognitivo e criativo.

Nos Parâmetros Curriculares da Educação Artística para Indivíduos Jovens e Maduros, destaca-se o aspecto cognitivo e criativo, que envolve "a construção de conhecimentos a partir da imaginação", representando um terreno fértil para a criação e aquisição de conhecimento, sendo o espaço onde todas as possibilidades se manifestam". Em relação às Expectativas de Aprendizagem em Artes, espera-se "reconhecer a diversidade, subjetividade e natureza criativa, e até mesmo construir, por meio da Arte, sua memória, identidade e expressões". Para alcançar tais objetivos, é necessário contar com uma abordagem sólida e fundamentada. Segundo Nascimento:

O desafio da educação de indivíduos jovens e adultos no Brasil depende muito das condições de vida de cada estudante. Um dos maiores obstáculos enfrentados pelo educador atualmente é manter o aluno dentro da sala de aula, o que faz com que o professor busque novas metodologias para despertar maior interesse nas aulas. Há muito tempo, o educador que trabalha com a Educação de Jovens e Adultos enfrenta a evasão como um dos principais desafios para desenvolver seu trabalho com qualidade e garantir o nível ideal de conhecimento. (NASCIMENTO, 2011, p.12).

A disparidade em relação à idade e ao nível de conhecimento encontrada nas turmas da Educação de Jovens e Adultos é significativa. É possível encontrar estudantes com idades que variam de 16 a 60 anos ou mais.

Devido à diversidade de perfis dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, o professor precisa adotar uma abordagem diferenciada. Ele deve ir além do domínio imediato de técnicas artísticas, oferecendo estímulos e desafios que despertem o interesse pela aprendizagem, levando o jovem ou adulto a estabelecer conexões profundas com a arte.

A Arte se apresenta paradoxalmente na educação e em diferentes lugares, especialmente na América Latina, como uma contradição: sua importância é reconhecida como parte do processo que se convencionou chamar de formação integral, mas, ao mesmo tempo, não conseguiu se consolidar como referência fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos na escola. O debate não é novo, pelo contrário, é permanente, e ainda mais no final do século XX, quando a pesquisa sobre a relação entre os benefícios da arte e da educação foi consolidada por pesquisadores prestigiados como Eisner, Gardner, Efland, Langer, Goodman (nos Estados Unidos), Robinson, Fernández, Agirre, Giráldez (na Europa), Errazuriz, Barbosa e Ronderos (na América Latina), só para citar alguns, que são referências permanentes na Educação Artística.

A relação entre educação e arte, de uma forma ou de outra, faz parte da história da humanidade. Basta analisar as diferentes histórias das artes visuais, da música, da dança, do teatro e da literatura para nos aprofundarmos nas formas mais antigas de representação do pensamento humano por meio do som, do movimento, do gesto, da cor, dos aromas e de outras formas de traduzir esse pensamento em linguagem. Uma revisão semelhante da história da educação revela que o conhecimento do mundo tem sido vinculado à expressão artística, sendo a literatura, a música e as artes visuais as que mais impactam a interação com outros campos do conhecimento igualmente importantes, como a matemática, a astronomia e as ciências naturais.

No âmbito da formação, desde os seus primórdios, quando a educação adquire um estatuto de ordem social, isto é, quando decide reunir os jovens para os orientar na aquisição de determinados conhecimentos considerados fundamentais para a sua preservação e, naturalmente, para promover a busca de respostas à necessidade insaciável de compreender os fenómenos do mundo e da realidade, verifica-se uma tensão entre os aprendizes e esses mesmos conhecimentos. No final da Idade Média, a Arte na formação, que já se havia consolidado por meio das sete Artes Liberais, divididas em trivium (gramática, lógica ou retórica e dialética) e

quadrivium (geometria, aritmética, astronomia e música), entra em crise. O Renascimento trouxe consigo as ideias humanistas e, com elas, a recuperação da poesia, da escultura e da pintura para inclusão na educação. Depois disso, surge um conceito que tem sido fundamental para a Educação Artística, a ideia de que as manifestações artísticas são sinônimo de liberdade, uma forma de se opor à rigidez de outras formas de conhecimento, uma forma de compensar o legado que limita as possibilidades de dizer que são restritivas por serem dependentes de estruturas rígidas que limitam as possibilidades e aquela necessidade incomensurável de dizer o que só é possível por meio das expressões artísticas:

Os humanistas querem avançar, não retroceder; mas, para avançar, é preciso deixar para trás as estruturas imóveis, as concepções anti-históricas da cultura medieval, cujo maior esforço não havia sido produzir novos conhecimentos, mas paralisar e fixar em formas pobres e cristalizadas o complexo de saberes que o mundo clássico havia conseguido estruturar nos diversos campos do saber. (ABBAGNANO & VISALBERGHI, 1992 , p. 136)

Com a consolidação da industrialização e da produção em massa, as necessidades educacionais mudaram. Um tipo de formação mais especializada passou a ser exigido, no qual a pesquisa assumia um status primordial e coadjuvante para a melhoria dos processos produtivos, da qualidade dos produtos e da distribuição de mercadorias.
A era do conhecimento teve início no final do século XIX e, portanto, a arte na educação também adquiriu um valor diferenciado, pois contribuía para o próprio propósito de educar para o trabalho produtivo industrializado.
Dewey pertence a essa linha que, como contribuição para a melhoria da qualidade da educação, num momento em que as reformas não podiam esperar, consolida por meio de um olhar experiencial a Educação Artística como meio de aproximação àquela compreensão de mundo que só é possível por meio da obra de arte. Em seu livro Arte como Experiência (DEWEY, 2008), ele faz uma forte crítica à tendência emergente do capitalismo de colocar a arte como um lugar de prestígio que separa a pessoa da experiência, referindo-se especialmente aos colecionadores: "Para mostrar sua boa posição no mundo da alta cultura, ele acumula pinturas, estátuas, joias artísticas, assim como sua riqueza e seus títulos credenciam sua situação no mundo econômico" (DEWEY, 2008, p. 9). Portanto, ele aponta que a obra artística nada mais é do que um objeto inerte, quando é afastada do observador. Somente se o artista entra em contato com o artista por meio da experiência é que esta adquire significado tanto para o artista quanto para a pessoa como sujeito, porque a experiência é individual e de uma forma ou de outra, mais do que com o criador, é um diálogo com o que o artista diz sobre si mesmo e com o que o artista incorporou de sua própria experiência.
É por isso que, desde Dewey, a experiência com a obra transcende a obra e o artista e conduz a uma jornada de emoção, de sensação, mas sobretudo de imaginação, portanto, de descoberta que se alcança inicialmente por meio da intuição. Também estabelece a importância das diferentes expressões artísticas no desenvolvimento particular dos sentidos, mas não pelo que implica fisiologicamente, mas pelo que pode ser desenvolvido nelas para aprimorar e, se desejado, ampliar as possibilidades expressivas, conectando-as com as emoções.

A ARTE E O OLHAR DA EDUCAÇÃO

A essência humana se manifesta e define suas características únicas em relação às outras espécies por meio de sua capacidade de raciocínio e memória. Isso é corroborado pelo desenvolvimento de métodos que visam aprimorar as interações humanas com a natureza e entre diferentes sociedades.

Um desses métodos é a educação, que comprova a capacidade exclusivamente humana de transmitir conhecimento às gerações futuras. De acordo com Laraia, a cultura desempenha um papel fundamental na visão de mundo do ser humano, variando de uma sociedade para outra. Dessa forma, esta-

belece-se um padrão do que é socialmente aceito, e tudo o que diverge desse padrão é visto com estranheza. Essa diferença se torna evidente quando há rejeição aos costumes de outra sociedade, sendo considerado depreciativo aquilo que está fora dos paradigmas desenvolvidos e aceitos pela maioria da comunidade. (LARAIA, 2001, p. 35)

Portanto, a cultura pode ser entendida como um conjunto de características que distinguem um grupo de pessoas de outro, como a diversidade linguística, os modos de produção econômica, a relação com a alimentação, os rituais religiosos, entre outros aspectos.

Muito do que se sabe sobre o pensamento e os sentimentos de diferentes indivíduos, povos, países e épocas são conhecimentos adquiridos por meio de suas práticas culturais, como música, dança, poesia, teatro, pintura, cinema, entre outras formas de expressão.

É por meio dessas práticas que se pode compreender as influências das práticas coletivas sobre o indivíduo. Nesse contexto, a estética, conforme definida por Alvares, é uma dimensão do cotidiano que revela como a percepção do ambiente interfere na construção do conhecimento (ALVARES, 2010).

A estética pode ser vista como a maneira como se observa e interpreta o mundo. Desse modo, estudar os valores estéticos de uma determinada sociedade significa compreender como os indivíduos pertencentes a ela enxergam e experimentam os elementos comuns que os cercam.

É nesse contexto que o ser humano desenvolve meios para expressar sua relação com a natureza, o que representa não apenas uma produção externa, mas também uma produção interna. Nesse processo de apreensão, o ser humano aprende, em primeiro lugar, a apreciar a beleza, em seguida, a valorizá-la e ter consciência daquilo que é percebido. A beleza pode ser entendida não como um ideal absoluto, mas como algo subjetivo, que passa pela sensibilidade do artista, despertando admiração, satisfação e prazer.

Quando a imaginação é estimulada, ela expande o processo de aprendizagem do ato criativo, revelando características culturais inerentes a cada indivíduo em relação aos valores e significados que são apreendidos em determinados contextos.

Dessa forma, pode-se considerar que o "aspecto emocional" governa esses processos, sustentando uma economia simbólica na qual gestos, performances, maneiras de ser e agir são interligados.

Essa economia simbólica corresponde à trama que entrelaça as interações, as memórias temporais e o fluxo contínuo entre o imaginário individual e coletivo. Segundo Meira (2011), o desenvolvimento da estética na educação possibilita o cultivo da sensibilidade, da criatividade, da ação, do gesto e da performance, capaz de gerar transformações nas intervenções sociais e culturais, expressando um determinado modo de pensar e enxergar o mundo. Nesse sentido, pode-se atribuir uma dimensão estética presente no dia a dia, composta por imagens espontâneas e também por aquelas transmitidas pelo universo tecnológico.

Esse movimento de busca e equilíbrio na articulação entre imagem e ideia é a forma pela qual o ser humano constrói um mundo dramático, repleto de dinamismo, forças, energias e interações

Essas relações podem ocorrer entre o ser humano e os objetos, assim como entre elementos de sistemas orgânicos e não orgânicos. Na condição de espectador, o ser humano contemporâneo tende a um consumo passivo das imagens que lhe são apresentadas no cotidiano, sem se deter em uma análise mais reflexiva. Segundo Maffesoli (1996), a relação das imagens no cotidiano e a estética são fundamentais, pois são elas que sustentam o jogo das aparências, os costumes, as paixões, os afetos, os vínculos e o desejo coletivo.

Por meio do estético, vivencia-se a sensibilidade, a oscilação das emoções comuns à condição humana. Ao contrário de outros fenômenos sociais, o estético está impulsionando a interação entre grupos de diferentes estratos sociais, permitindo a formação de uma sociedade igualitária no aspecto cultural.

Segundo Paulo Freire (1984), a cultura requer um olhar abrangente e intenso, corajoso e poético. Portanto, o olhar entre indiví-

duos de diferentes culturas exige parcerias solidárias para que os desafios da reflexão estética alcancem as integrações culturais e sociais. O autor fala de uma educação para a cidadania, que implica abranger a dimensão ética e estética como: "A promoção necessária da ingenuidade para a criticidade não pode, nem deve ser realizada sem uma formação ética rigorosa, sempre ao lado da estética." (FREIRE, 1996, p. 32)

A concepção do sublime está intrinsecamente ligada à moralidade, pois a capacidade do ser humano, em sua condição histórico-cultural, de comparar, apreciar, selecionar e rejeitar ocorre por meio do reconhecimento de sua própria cultura, o que abrange uma compreensão compartilhada das relações políticas, econômicas e interpessoais.
Dessa forma, o sentimento de pertencimento a uma sociedade se desenvolve a partir da apreciação do sublime no contexto de sua própria cultura, o que também constitui a moralidade. No âmbito da educação artística, a moralidade e a estética residem no reconhecimento da arte além de sua forma, mas sim na identificação do conteúdo histórico-cultural que as expressões artísticas podem transmitir.
Experimentar a intensidade emocional da imagem é a sensação que o educador pode facilitar durante a apreciação da arte, preferencialmente quando há uma harmonia estética entre a arte e a vida.
Para isso, é necessário haver uma intervenção embasada em um conhecimento científico e uma interpretação consciente por parte do educador de arte, caso contrário, a apropriação e internalização da arte pelo apreciador não ocorrerão. Isso requer o desenvolvimento de práticas educacionais que possibilitem uma reflexão cultural, que compartilhem e decodifiquem informações sobre a arte, além de promoverem uma apreciação crítica do processo artístico.
A leitura de imagens considera as particularidades do objeto, como formas, cores, tipologia, combinadas com o conhecimento prévio do leitor em relação ao objeto, como dedução e imaginação. Portanto, a interpretação dependerá da cultura à qual o indivíduo está inserido.

Segundo Piaget:

Uma percepção nunca é independente dos instrumentos de registro disponíveis para o sujeito, e esses instrumentos não são meramente perceptivos, mas consistem em esquemas pré-operatórios ou operatórios aplicados à percepção atual e que podem modificar os dados desta de alguma forma, seja adicionando precisão suplementar ou distorção. (PIAGET, 1976, p. 46)

Dessa forma, de acordo com Piaget, o que importa é a maneira como o observador relaciona a leitura visual imediata com o conhecimento formal estruturado, o que implica que um mesmo objeto pode ser interpretado de diferentes maneiras de acordo com o repertório relevante para cada indivíduo no momento da adaptação mental. A organização está relacionada à verificação da adaptação (reflexão) que o indivíduo realiza ao coletar dados.
Ao facilitar a imersão cultural dos alunos no contexto educacional, o professor deve estar consciente da importância de educar o olhar, pois a interpretação do mundo realizada pelas pessoas em seu cotidiano difere da capacidade de observação e percepção daqueles que possuem conhecimentos artísticos (educadores, artistas, autores, produtores).

Essa relação ressalta a necessidade de considerar o conhecimento prévio dos estudantes, evitando enxergá-los como folhas em branco: Portanto, pensar de forma adequada coloca sobre o professor, ou mais amplamente sobre a escola, a responsabilidade de não apenas respeitar os saberes que os alunos, especialmente os das classes populares, trazem consigo como conhecimentos construídos socialmente na prática comunitária, mas também, como tenho sugerido há mais de trinta anos, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação ao ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 30)

É responsabilidade do educador prestar atenção à seleção de temas que realmente contribuirão para a construção de significa-

do pelos alunos, sendo o ambiente escolar e os momentos de contato com a arte oportunidades para identificar manifestações histórico-sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das funções da expressão artística no ambiente escolar é proporcionar ao aluno uma alfabetização visual, que resulta da observação e análise de imagens para além de sua configuração, matiz, traço, dimensão, volume, movimento e ritmo.

Portanto, a alfabetização visual, ou educação do olhar, tem como base uma formação centrada na interpretação da linguagem visual presente no cotidiano, como as imagens publicitárias e midiáticas, e sua compreensão.

Essa relação entre o aluno (observador) e a imagem é impulsionada e examinada a partir de seu conjunto de conhecimentos conceituais e estéticos, os quais podem ser aprimorados e ampliados por meio das aulas de Educação Artística.

Um fio condutor para essas aulas pode ser a relevância da produção artística para a humanidade, como uma forma de justificar sua existência, o que ajuda os alunos a compreenderem o propósito por trás da arte.

No entanto, é essencial reconhecer o contexto individual do aluno para uma prática educacional baseada no diálogo e em sua realidade cotidiana, o que pode ser alcançado principalmente por meio de uma análise mais abrangente, como o estudo do trabalho e suas transformações, que fazem parte da vida dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo frequentemente um motivo para o abandono e o retorno à escola.

No contexto da educação básica, a prática artística tem permitido uma reflexão sobre a busca pelo conhecimento epistemológico aliada às características culturais específicas do público envolvido com a arte, demonstrando que a arte não se limita aos espaços dos museus, mas permeia os ambientes educacionais, promovendo o desenvolvimento cultural e expressivo dos alunos em diversas áreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N., & VISALBERGHI, A. História da Pedagogia. Fundo de Cultura Econômica. 1992.

BATISTA, Cleira Martys Pinto de Queiroz. O ensino de arte na Educação de Jovens e Adultos e as metodologias em sala de aula. 2012. 29 f., il. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Palmas-TO, 2012. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/5587. Acesso em 08 set.2025.

BAZANTE, Tânia Maria Goretti Donato; SOUZA, Mariana Rita Santos. Arte/ Educação e a influência das tendências pedagógicas: desafios as ações culturais. In: CONSTÂNCIO, Rudimar; SILVA, Igor de Almeida (Orgs.). Ação Cultural: Arte, Cultura e Política. Recife: Editora Bagaço, 2014.

BRASIL. Parâmetros Curriculares de Artes: Educação de jovens e adultos. Secretária de Educação. Governo de Pernambuco. 2013. Disponível em: http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/PCPE_VD_ARTE_E JA.pdf Acesso em: 9 set.2025.

DEWEY, J. Arte como Experiência. Paidós. 2008.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAFFESOLI, M. No fundo das aparências. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MEIRA, Marly Ribeiro. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 2011.

OLIVEIRA, Maria José Negromonte. Arte/ Educação: Contribuições para a Alfabetização Estética de Estudantes/ Professores das Séries Iniciais. In: CONSTÂNCIO, Rudimar; SILVA, Igor de Almeida (Orgs.). Ação Cultural: Arte, Cultura e Política. Recife: Editora Baga-

ço, 2014.

PIAGET, J. Equilibração das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. NASCIMENTO, Lourgeny Damasceno do. A importância da literatura de cordel no cotidiano dos alunos da EJA. 2011. 37 f., il. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Feijó AC, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/4463. Acesso em 8 set. 2025.